

VERDADES MENTIROsas

Tranquilizem-se as caras e os caros leitores porque não vou urdir nenhuma complicada teia de teorias e teorizações sobre mentiras em verdades.

Juro que me absterei de trazer à colacção historietas de cartazes eleitorais ou dados estatísticos do INE, os quais, estes, sendo dados (conjunto de informações), nunca poderão ser, em si, provisórios, nem conter extrapolações.

Resisto também a tecer comentários sobre a avalanche, já desencadeada, de promessas, ou previsões-promessa, neste período de pré-campanha eleitoral, seguramente em crescendo até 4 de Outubro, mesmo acreditando, ou querendo acreditar, que possa haver verdade na intenção, pois que esta se transformará, no mais dos casos, em mentira na concretização.

Quero apenas abordar, neste *parvus spatium scribendi*, alguns factos verdadeiros sobre o emprego, mas que escondem mentiras no seu seio.

É verdade que no 2º trimestre deste ano, por comparação com igual período de 2014, o emprego aumentou em cerca de 65.000 unidades.

É também verdade que a quase totalidade desse aumento se deveu a empregabilidade feminina. As mulheres foram as campeãs absolutas da temporada.

É ainda verdade que, correspondendo a um aumento significativo e constante das mulheres detentoras de cursos superiores, estas, sobretudo as de menos de 45 anos, entram agora no mercado de trabalho a um ritmo superior aos das restantes mulheres. A escolaridade elevada está a fomentar, ao menos ao nível das mulheres, a empregabilidade.

Existem hoje, no universo de perto de 4.600.000 empregados, cerca de 600.000 mulheres licenciadas.

E a paridade no emprego está prestes a acontecer, com apenas menos 90.200 mulheres do que homens. Em igual período do ano passado a diferença era de cerca de 150.000.

Tudo isto é verdade, havendo quem, mormente por interesses políticos, mas também os mercantis, queira fazer passar a ideia de que na relação emprego/desemprego tudo está a melhorar. **Mas é mentira!**

E não falo já do tão intenso e continuado afrouxamento geral legal de direitos e garantias laborais. Falo sim da realidade deste aumento do emprego no feminino.

O Mercado não tem preferências em função do sexo. Tem preferências por custos de mão de obra baratos, ou mais baratos, para qualidade semelhante.

Ora, por regra, não só as mulheres ganham menos que os homens em situação comparável, como são menos reivindicativas e mais propensas a cedências salariais e a aceitar e ocupar cargos e realizar tarefas de qualificação inferior à da sua escolaridade.

Daí, creio, a sua vitória em toda a linha na empregabilidade recente.

Mas o emprego é cada vez mais precário, os contratos a termo campeiam, o tempo real de trabalho disparou sem compensação alguma, o trabalho temporário é uma praga. (Provocando:-Para quando a proibição de utilização de trabalhadores temporários na actividade-fim das empresas constituídas por tempo indeterminado, afinal a quase totalidade?)

Quem não se lembra de que há pouco menos de 10 anos se chamava à geração jovem licenciada que entrava no mercado de trabalho a geração dos 1.500,00€? Quão distante isso parece agora!

Aumentou o número de empregos, sim, desde 2013. É verdade! Mas é mentira que sejam empregos de melhor qualidade e melhor remunerados do que antes. São piores.

E assim nos encontramos perante um paradoxo hoje em Portugal:- Defende-se que só seremos internacionalmente competitivos pela qualidade superior dos bens que produzirmos, mas privilegiamos e

superiormente incentivamos a mão de obra barata. Em resultado, muitos dos melhores vão-se embora. E assim perde cá a desejada qualidade.

Hoje, ao contrário de outrora, a emigração é de gente qualificada, cuja qualificação custeamos e da qual não obtemos retorno.

Por este caminho só se pode empobrecer mais e a qualidade superior, seja do que for, virará apenas miragem.

Reino Unido, França, Brasil e tantos outros, aproveitam e agradecem.

Ah! E a amiga Alemanha!...